

RN - ago 79

\* O Globo - 29.7.50

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### TEMPO DA FAZENDA

O CAFÉ secando no terreno de terra batida. Mulheres de pano na cabeça trabalhando na roça. O homem doente gemendo no paiol de milho. Havia um pari, onde se ia tôda manhã pisar as pedras limosas na água tão fria, apanhar peixes.

A estrada onde se passava a cavalo, a estrada úmida aberta de pouco no seio escuro da mata. A lembrança do primo que caiu do cavalo, foi arrastado com um pé prêso no estribo mexicano, a cabeça se arrebitando nas pedras.

Defronte da fazenda havia uma pedra grande, imensa, escura, onde de tarde, no verão, se ajuntavam nuvens pretas e depois relampejava e trovoava e chovia com estrondo uma chuva grossa que acabava meia hora depois de o sol descer, e então os meninos saíam da varanda da fazenda e iam correr no pasto molhado.

A travessia do ribeirão no lugar fundo que não dava pé, debaixo da ponte, a água escura e grossa, o mêdo de morrer. O jacaré pequeno que uma roda do carro de boi pegou. As balsas lentas, as canoas escuras e compridas, pássaros tontos batendo com o peito na parede branca, gaviões súbitos carregando pintos, a história da onça que veio até o porão.

E subir morro e descer morro com espingarda na mão, e a cobra vista de repente e os mosquitos de tarde e o bambual na beira do rio com rolinhas ciscando. Os bois curados com creolina, as vacas mugindo longe dos bezerros, a terra vermelha dos barrancos, a terra preta onde se cava minhoca, a tempestade no milharal, o calor e a tonteira da primeira cachaça, e os pecados cometidos atrás do moinho de fubá com tanta inocência animal.

E, de repente, uma paixão.

125